

A LEITURA DE LITERATURA: MEMÓRIA E ESCRITA NA APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS

Marta Lima de Souza¹

Introdução

*Minha necessidade de escrever é resultante de uma
falta antiga: não ter vivido a infância no tempo certo.*
Bartolomeu Campos de Queirós

A epígrafe poderia ser de um adulto ou um idoso da Educação de Jovens e Adultos – EJA, pois é a necessidade de escrever, em especial a de aprender a escrever, como uma ausência do tempo da infância, que buscam efetivar no ciclo de vida adulto. Entretanto, diferentemente do escritor, em geral eles não querem lembrar nem falar desse tempo sofrido, preferem apagá-lo, escondê-lo, deixá-lo submerso nos porões da memória.

Este artigo é um recorte da pesquisa sobre a análise de escrita de jovens e adultos em processo de alfabetização em escolas públicas no Rio de Janeiro, no qual discutimos a construção de um trabalho pedagógico que reconheça a especificidade desse público por meio da relação leitura/escrita, literatura e memória.

Como tecer estes fios entre a leitura/escrita, a literatura e a memória na EJA? Como trazer para a escrita esse passado tão difícil e que tantas vezes querem apagar? Como ajudá-los a rever e a compreender o passado, para recriar o presente e o futuro? Defendemos que é escrevendo, falando, revendo, discutindo o vivido que podemos reinventar o presente e o futuro. É mergulhando na nossa memória e na do outro, que podemos buscar outra construção de nós mesmos e elaborar um espaço próprio (PETIT, 2013).

O artigo estrutura-se nesta introdução que apresenta o tema. Em seguida, contextualiza a atividade com base no livro Guilherme Augusto Araújo Fernandes². Depois, traz o referencial teórico para o trabalho pedagógico na EJA (Bakhtin, 2003; Petit, 2013; Cândido, 1995) e, por fim, os excertos de textos dos alunos a partir da leitura do livro. Para concluir, enfatizamos a importância da relação entre leitura/escrita, literatura e memória para a EJA.

Contextualização

A formação de professores para a EJA implica a incorporação de atividades de leitura e de escrita ao trabalho pedagógico desde o início do processo de alfabetização, pois é possível ler e escrever quando ainda não se sabe ler e escrever efetivamente. Implica também a seleção de materiais e textos adequados às especificidades dos jovens e adultos, de modo que não os infantilizem. Após muito diálogo e uma breve análise do perfil da turma, é que realizamos a elaboração do plano de aula em consonância com o planejamento do professor da turma, visando à realização da regência de aula pelo professor em formação no estágio curricular.

O plano de aula que originou a atividade em foco visava à produção de leitura e de escrita por meio da literatura. A proposta consistiu em ler o livro em voz alta para os alunos que acompanharam com o texto impresso, retomar a leitura e conversar sobre o tema do livro

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: souzamartalima@gmail.com.

² Escrito por Men Fox e ilustrado por Julie Vivas, publicado pela Editora Brinque Book.

relacionando-o ao cotidiano e às experiências dos alunos e produzir um texto escrito sobre memórias da infância ou da vida adulta seguido de leitura para a turma.

A história do livro é sobre um menino que reside próximo a um asilo, no qual vive Dona Antônia Maria Diniz Cordeiro, a quem costuma visitar. Guilherme Augusto ouve uma conversa sobre a perda de memória de sua amiga e resolve ajudá-la, indagando a todos: o que é memória? Mediante as respostas, ele vai recolhendo objetos cujos sentidos remetem às visões das pessoas e montando uma cesta. À medida que os apresenta à Dona Antonia, a senhora vai lembrando-se de fatos e recuperando a memória com a ajuda de um menino que nem era tão velho assim.

Leitura, escrita, memória: construção de si mesmo

Compreendemos o conceito de leitura como uma atividade ampla, de modo que seja possível ler não apenas textos escritos e palavras, mas também imagens, objetos, arte, música etc. E de escrita, como enunciado mediado pelo outro e pelo contexto de produção, como possibilidade de ressignificar o vivido e de criar uma “memória do futuro” (BAKHTIN, 2003, p. 140).

A memória tem origem nos sentidos, sentidos subjetivos de cada um, tanto naquilo que se guarda, quanto naquilo que se esquece e se apaga, podendo ser lugar de invenção e de reinvenção. Tem intensa relação com a escrita, pois, por meio da escrita, construímos e elaboramos a memória da humanidade: conhecendo seus passos, refazendo-os, buscando outras direções etc., ou seja, a memória, como função psicológica superior e com papel essencial na aprendizagem (VIGOTSKY, 1999).

O papel da leitura de obras literárias na construção de si mesmo e na elaboração da subjetividade tem sido um destaque nas pesquisas de Michèle Petit em que os resultados têm apontado a leitura, em qualquer idade, como um “atalho privilegiado para elaborar ou manter um espaço próprio, um espaço íntimo, privado” (PETIT, 2013, p. 41). Ao ler ou ouvir histórias, imagens, etc., o leitor tem a possibilidade de tomar consciência de que existe outra coisa, uma margem de manobra no destino pessoal e social, que lhe possibilita um “papel ativo no seu próprio futuro e no futuro do mundo que o cerca” (PETIT, 2013, p. 43).

Este papel da leitura e da literatura possibilita ao leitor encontrar a sua experiência na experiência do outro, em uma leitura em perspectiva, em que pode pensar a própria vida com a ajuda de palavras que ensinam muito sobre si mesmo, sobre outras vidas, outros países e outras épocas. A revelação da verdade mais íntima encontra-se na humanidade compartilhada. Nesta construção de si mesmo, na elaboração da identidade, o mais íntimo tem a ver com o mais universal e proporciona uma identidade mais plural e aberta às mudanças.

Nesta ótica, a leitura, a literatura, o encontro da memória do outro e a memória do leitor, do universal e do particular, podem possibilitar aos alunos da EJA uma resistência aos processos de exclusão que vivem, mas, principalmente, novas possibilidades de sonhar e de construir outras histórias em que sejam sujeitos ativos de seus destinos. Contudo, o acesso às obras clássicas, universais, aos textos é imprescindível para satisfazer o desejo de pensar, da exigência poética, da necessidade de relatos que “não são privilégios de ninguém, pois tratam-se de um direito básico, de uma questão de dignidade” (PETIT, 2013, p. 51).

Esta visão alia-se a de Cândido ao defender a literatura como um direito humano, como direito à fantasia e à metáfora, visto que é: “[...] manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (CÂNDIDO, 1995, p. 174). Nesta perspectiva, a literatura não está a serviço de nada nem de ninguém, não pode ser aprisionada em modelos restritos de livros para criança e outros, para o adulto. Pois, para

Cândido: [...] ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, [...] é uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (CÂNDIDO, 1995, p. 175).

O trabalho pedagógico com a EJA, por meio da leitura e da escrita, precisa resgatar esse direito de mergulhar na fantasia, na metáfora, na ficção, na poesia, em uma literatura diversa, que amplie o sentido de ler, de modo que seja possível ler por:

[...] prazer de descobrir e para inventar um sentido para suas vidas, inclusive nos meios populares. Para sair do tempo, do espaço cotidiano e entrar em um mundo mais amplo; para se abrir ao desconhecido, se transportar para universos estrangeiros, deslizar na experiência do outro ou outra, se aproximar do outro que vive em nós mesmos, domesticá-lo, temê-lo menos. (PETIT, 2013, p. 144).

Entretanto, a leitura de literatura não vai resolver os problemas do mundo, nem tornar as pessoas mais respeitadas ou democráticas. Então, por que instigar os jovens e adultos a ler? Porque a leitura é um gesto mais vital que social, porque marca a conquista de um espaço íntimo que escapa ao domínio do coletivo, porque é uma via de excelência para se ter acesso ao saber, à fantasia, ao pensamento e à construção de si mesmo.

O trabalho pedagógico com a memória e a escrita: lembrar para não esquecer

*Do meu tempo de menino, eu trago poucas
lembranças. [...] quase não me dá tempo de evocar o
menino que eu era. (Tanto eu vivo com os meninos
que são.) [...] Não era um tempo bom [...] A vida era
dura [...]*

Bartolomeu Campos de Queirós

Guilherme Augusto empenhou-se para que Dona Antonia recuperasse as suas memórias, o objetivo com a atividade era contribuir para que os alunos pudessem fazer o mesmo, além de lerem literatura e de expressarem suas memórias por escrito.

O poder da literatura de unir o universal e o particular gera a possibilidade de reconhecer a própria história na história do outro. Quando isto acontece, é possível ver a forma como o outro encarou as alegrias e as tristezas, como tomou distância do vivido e revisou o passado, ressignificando-o e, talvez, até reinventando-o. Neste movimento, foram produzidos 22 textos dos quais selecionamos 12 para análise, sem uma preocupação de uma escrita na variedade da norma padrão, mas sim com a expressão de vivências, felizes ou tristes, despertadas pela história de Guilherme Augusto.

A seleção dos textos baseou-se em várias leituras realizadas e na busca por aqueles que mais se aproximavam do conteúdo e do sentido da proposta. Recortamos os trechos semelhantes, transcrevendo-os um a um, para que fossem analisados, mantendo a variedade linguística dos autores e preservando os nomes devido às questões éticas.

Em relação “ao tempo de menino”, as lembranças trazem o que o poeta descreve: “não era um tempo bom, [...] a vida era dura”, mas, são ressignificadas na experiência do outro, de modo que eles revivem os meninos que foram naqueles que estão sendo, ou seja, nos nascimentos de filhos e netos. A memória feliz torna-se a oportunidade de reelaborar outra relação com a infância pela experiência de filhos e netos:

“nascimento de filho (melhor lembrança da minha vida)” (K).

“na minha vida já aconteceu tantas coisas boas e ruins uma coisa boa foi nascimento das minhas filhas. A outra foi o nascimento dos meus netinhos. Das coisas ruins eu não gostaria de falar foram tantas” (MJ).

Apesar de a vida ser dura, há os que expressam um tempo feliz e saudoso, pois havia um tempo para ser criança, para brincar, para criar e inventar, para conviver com os animais, a natureza e os familiares – uma infância com recursos econômicos escassos –, porém rica de oportunidades e de vivências, que marcou e deixou saudades:

“eu não tinha boneca e fazia a boneca de inhame com cabelo de milho e brincava muito e era muito feliz” (L).

“a melhor parte da minha infância no Ceará [...] morávamos na roça, eu adorava, era muito bom [...] eu andava a cavalo, ajudava meu pai com os animais brincava com meus irmãos e meus primos, tomava banho no rio [...] nós éramos felizes e não sabíamos um tempo que não volta” (SN).

A lembrança da mãe aparece nos dois trechos abaixo. No primeiro, a autora lembra a morte de sua mãe (momento triste) e de se tornar mãe, com o nascimento da filha (momento alegre), isto é, da perda como filha e do ganho como mãe. No segundo, o autor narra um acidente ao cair de uma árvore, ficando desacordado por dias no hospital e sem memória, não se lembrando de quem era, não reconhecendo os familiares e descrevendo a dor que causou à sua mãe:

“[...] uma coisa triste foi quando perdi a minha mãe quando eu tinha 4 anos de idade e uma coisa boa que eu me lembro foi quando a minha primeira filha nasceu” (A).

“[...] subi em uma mangueira [...] no alto escorreguei e cai batendo com a cabeça em um tijolo [...] no hospital, ele (médico) tentou [...] fazer com que eu me lembrasse de quem eu era [...]. Acordei olhei em seus olhos de preocupação e disse mãe eu te amo, [...] naquele momento vendo a alegria de minha mãe [...] prometi a mim mesmo que não mais magoaria minha mãe” (A).

Os dois excertos tratam de uma memória universal inscrita na relação mãe e filho/a. O texto de (E) também traz uma memória universal, mas agora em um atentado que marcou o mundo, do qual se lembra por meio de uma relação de amizade:

“relembrando 11 de setembro vou falar sobre as torres gêmeas um acontecimento que abalou o mundo ninguém esqueceu aquela manhã de 11 de setembro, amiga nunca vou te esquecer” (E).

No texto de (E) não há maiores detalhes sobre o episódio. Mas, podemos inferir que sua amiga morreu no evento devido às lágrimas de emoção da autora quando lê a escrita para a turma.

Considerações finais

A partir da leitura do livro, as memórias escritas de jovens e adultos possibilitam-nos entrever que a literatura rompe com a linguagem do cotidiano e abre espaço para a reflexão, “para criar um desequilíbrio, buscar outro prumo e não para por panos quentes em inquietações mornas” (Queirós, 2012, p. 80). A análise dos textos revela-nos também, na relação pedagógica com o adulto, que a experiência trazida para a sala de aula “anuncia mortes, crises de subsistência, guerra de trincheira, desemprego e genocídio” (Thompson, 2002, p. 17). Ou seja, nas memórias escritas evidenciamos a dureza do cotidiano, a luta pela sobrevivência, as guerras privadas e públicas, as mortes, mas também as formas de superação encontradas na reinvenção da vida e, quiçá, de outro passado e de um novo futuro, pois: “[...] Daí verificar em meus textos tanto a presença da infância vivida como da infância idealizada. Escrevo muito sobre aquilo que não me foi permitido [...]” (Queirós, 2012, p. 79).

O trabalho pedagógico deve priorizar esta relação entre leitura/escrita, literatura e memória, de modo que ao escrever os alunos possam lidar com suas luzes e sombras, com o vivido e o idealizado, porque se não foi esquecido, precisa ser reconsiderado. Escrever para lembrar, lembrar para não esquecer. Rever e até recriar o passado, para inventar um futuro, uma memória do futuro.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades Editora, 1995.

FOX, M. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. Tradução de Gilda de Aquinol. Ilustrado por Julie Vivas. São Paulo: Brinque Book, 1995.

PETIT, M. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

QUEIRÓS, B. C. de. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. ABREU, Júlio (Org.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Série Conversas com o Professor).

THOMPSON, E. P. **Os românticos**: a Inglaterra na era revolucionária. Tradução Sergio Moraes Rêgo Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VIGOTSKY, L. S. **Teoria e método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.